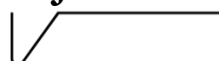


Fragmentos de Escrevivências nas Poesias das Jovens Secundaristas.



Fernanda Cristina Gomes¹
Maria Thereza Lisboa²
Jaquelina Maria Imbrizi³

Resumo

Em territórios vulnerabilizados pela desigualdade social, as ações coletivas das juventudes convocam o artefato poético para desatar experiências subordinadas em prol de criativas e pertinentes. O objetivo deste artigo é discutir a manifestação cultural poética juvenil à luz do conceito de “Escrevivência” de Conceição Evaristo. Para tal, utilizam-se trechos de poesias produzidas por poetisas secundaristas de uma escola pública em São Vicente/SP e publicadas no livro “*Poesias Diversas - 2019*”. A partir do entendimento da arte como ponto de ancoragem, as poesias suportam um ficcionalizar crítico sustentado com legitimidade em traçar modos de existir perante as opressões das estruturas sociais.

Palavras-chave: Arte, Juventude, Escrevivência, Poemas.

Abstract

In vulnerable territories by social inequality, the collective actions of the youths summon the poetic artifact to untie subordinate experiences in favor of creative and pertinent ones. This article aims to discuss the youth, poetic, and cultural manifestation under the concept of “Escrevivência” from Conceição Evaristo. For that, it is used snippets of poetry produced by high school poets from a public school in São Vicente/SP and published in the book “*Poesias Diversas – 2019*”. From the understanding of art as an anchor point, the poems support a critical fictionalization sustained with legitimacy in tracing ways of existing in the face of the oppressions of social structures

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. E-mail: gomes.fernanda@unifesp.br

² Mestranda no Programa do Mestrado Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. E-mail: lisboa.maria@unifesp.br

³ Professora Associada III dos cursos de graduação e da pós-graduação da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. E-mail: jaquelina.imbrizi@unifesp.br

Keywords: Art; Youth; *Escritura*; Poetry.

Introdução

“Para as mulheres, a poesia é uma necessidade vital de nossa existência. Dá forma (...) à qual baseamos nossas esperanças e sonhos em direção à sobrevivência e à mudança. Primeiro transformados em linguagem, depois em ideia, então em ação mais tangível. A poesia é a maneira pela qual ajudamos a dar nome ao inominado, para que possa ser pensado.”
Audre Lorde.

Falar de arte em sua dimensão ampliada é considerar as características que compõem o território, e com isso, a) fortalece reflexões sobre as questões sociais nas juventudes periféricas, b) instiga o pensamento crítico e c) promove a sensibilização e o enfrentamento das configurações estruturais da desigualdade social brasileira. Além do mais, proporciona que a manifestação artística seja compreendida como um espaço em que a liberdade - *poética* - permita às pessoas a imaginar e experimentar suas formas de existir, de apropriar-se de seu próprio corpo, e daí, desenvolver potencialidades antes não autorizadas e/ou estimuladas. Por vezes ainda, marginalizadas como impertinentes ou apenas, transgressivas sendo descredibilizadas sem considerar a reflexão ali proposta.

Para nós pesquisadoras, considera-se que a arte é capaz de romper e inaugurar percepções sociais - com as e sobre as juventudes - por meio de diversas formas de manifestações artísticas.

Em contexto, como grande referência artística nesse sentido, há a cultura Hip-Hop que produz arte no território e, por meio de um de seus elementos, o RAP que em seus ritmos e poesias têm enfrentado e denunciado a dimensão sociopolítica do sofrimento (ROSA, 2016, p. 99; IMBRIZI et al., 2019, p. 168) das juventudes. Originária desta ideia, há a Batalha de Poesia (*poetry slam*), pioneira no Brasil pela poetisa Roberta Estrela D'alva em 2008 com a Zona Autônoma da Palavra, onde se declama poesias como debate e aborda pautas como: as mulheres ocuparem seu espaço social de modo a confrontar discursos que perpetuam violências de gênero (DUARTE, 2019, p. 10).

Partindo desta perspectiva, este artigo analisa o material produzido apenas pelas poetisas com a intenção de dar enfoque ao protagonismo das mulheres negras em luta pela vida a partir de saberes oriundos de tais vivências. Pois, de qual modo se não esse, poderíamos ler existências para além das hegemônicas? Para isso, há a Conceição Evaristo, premiada escritora, doutora e ativista do movimento feminista negro, descreve no seu poema “*Vozes-Mulheres*” o rompante que cada geração de mulheres em sua família empenhou e empenhará no ciclo de opressão social que afeta às mulheres pobres, muitas vezes, imputada para à inclusão marginal reproduzido em suas histórias de vidas. Referenciando-se nos atos premeditados para se traçar escrevivências como faz Conceição, neste artigo, nós escolhemos acessar fragmentos dessas nos poemas de jovens secundaristas, enfatizando o olhar de mulher e negra, a fim de honrar e tecer a realidade ligada à ancestralidade de passado-presente-futuro desvelando com artística maestria, não só o silêncio sobre a violação de direitos, como também, a feminização da pobreza, de modo a instigar a prática política criativa nos territórios, instituições e locais sociais. E assim, apresenta, às jovens mulheres, o lugar de interventoras criativas e conscientes para além das privações e das violências, por vezes, essas são enfatizadas quando se referem às experiências periféricas destacando apenas aspectos de precariedade (GONZALEZ, 1988, p. 69; EVARISTO, 2006, p. 15; RIBEIRO, 2018, p. 36).

Nós partimos do pressuposto de que o caráter político da arte pode encorajar as juventudes a criar estratégias para enfrentamento e desenredar das situações opressoras e a partir disso, visar a ocupação de espaços representativos e participativos na sociedade com seus próprios discursos e vivências. Nesse sentido, enfatizamos que as juventudes participam politicamente em seus territórios, a partir de suas demandas quando coletivizadas, e disso, se fortalecem para enfrentar desafios, principalmente em um contexto político regido pela destituição dos seus direitos sociais. Essa concepção de manifestação artística das juventudes, atrelada aos aspectos políticos e sociais, demonstra a importância de refletir sobre a arte como ponto de ancoragem (IMBRIZI et al, 2019, p. 169). Em exemplo a essa discussão, o livro “Ocupar e Resistir: Movimento de Ocupação de Escolas pelo Brasil” (MEDEIROS, et al. (orgs.), 2019, pp. 320-321) pontua reflexões sobre a criatividade nas ocupações estudantis de 2016, capazes de indicar novos modelos educacionais e pedagógicos - quiçá, sociais - tendo como ponto de partida para tal, o desenvolver de movimentos de ação em contexto próprio com pretensões fortes na esfera

pública em assuntos como: direitos sociais, justiça, qualidade da nossa democracia, valorização da escola pública e, por conseguinte, do uso do espaço público enquanto tal.

Por isso, neste artigo discute-se esta manifestação cultural político-poética das jovens secundaristas à luz do conceito de “*Escrevivência*” de Conceição Evaristo. Para tal, utiliza-se trechos de poesias produzidas por poetisas de uma escola pública em São Vicente/SP e publicadas no livro “*Poesias Diversas - 2019*”. Sendo então, organizado a partir dos tópicos: 1) Juventudes e Resistências no Território; 2) A Escrita que articula Arte e Experiência; 3) A Arte como Ponto de Ancoragem; 4) A Poesia e as Jovens Mulheres. Nas considerações finais, abordamos o ato de pôr à prova o teor social associado ao ato premeditado de traçar uma *escrevivência*, entendendo – a partir do contexto da “Primavera Secundarista” referente às ocupações escolares – as possibilidades que a manifestação cultural no fazer político promovido pela arte como ponto de ancoragem podem proporcionar às juventudes.

O livro “*Poesias Diversas / 2019*” é apresentado por jovens participantes de movimentos sociais pela educação, esses que, atuam fortalecendo e formando grêmios nas escolas, para uma das pesquisadoras em seu estágio na área de Psicologia Escolar. Lido em sua totalidade numa primeira apreciação, e numa segunda leitura então, destacam-se poemas que se referiam à arte, juventude e território. Foram escolhidos aqueles que estavam assinados pelas poetisas, pois dos 125 poemas que compõem o livro, apenas 25 destes, são das poetisas. Atentou-se para a tendência ao silenciamento das jovens e a importância do protagonismo em sua escrita. Em geral, os 25 poemas lidos, e estudados por auxílio de um quadro de análises, relatam as resistências à desigualdade de gênero, e passam ao leitor de forma tímida e esboçada, de que elas reconhecem as situações de violência. Dentre isso, as temáticas recorrentes são: 1) A Efemeridade de Apoio, 2) A Prevalência da Sensação de Abandono e Desamparo, 3) A Falta de Perspectiva, 4) A Elaboração de Constantes Perdas, 5) Seu Insucesso dado como por Causa Própria, assim como, 6) A Demanda de Espaço Público. Em sua maioria, as poesias apresentam uma compreensão individualista e culpabilizante, de maneira a qual, as falas dos eu-líricos nos poemas são interiorizadas, demonstrando embates consigo mesmas, sendo em geral, no cenário de relacionamentos interpessoais correspondentes à socialização e estabelecimento de vínculos.

Escolhidas as poesias das jovens, construiu-se uma tabela constando: nome das autoras, título da poesia, trechos e comentários sobre. A partir disso, foram selecionadas

três poesias que demonstraram articulações com as noções de escrevivência e de arte como ponto de ancoragem na vida das juventudes.

Autora	Título da Poesia	Trecho	Comentário	Escrevivência e/ou Pontos de Ancoragem
Bianca Alves de Almeida	(12) "Guerreira"	{Acorda guerreira, se liga guerreira / a vida já começou há tempos / a escravidão foi banida, mas tu / continuas encarcerada / numa luta contra si mesma.}	Romantização da exploração da mulher; Termo que legitima a violência das mães solo e das mulheres com duplas e triplas jornadas para sobrevivência; O que ainda a encarcera apesar de "banida" a escravidão?; Ponto de ancoragem: cuidado comunitário, um olhar pelos seus;	Ponto de ancoragem "nos seus" que não a deixa desistir apesar de ter desistido de si.
Hesther Santos	(47) "Nunca mais aceitar"	{a sociedade é uma megera/ não enxerga sua dor/ mas é fácil ficar no controle/ quando não há competidor};	Empoderamento feminino; Questionamento dos padrões sociais; Denúncia do silenciamento da mulher;	Escrevivência ao suscitar a indagação de quem pertence o controle da sociedade?
Kaylane Ribeiro	(68) Não é vitimização	{"Não é que eu quero me vitimizar"}	A estrofe repete-se como necessidade de reafirmação, reverberações de como o discurso das mulheres diante das situações de violência de gênero se dão.	Escrevivência sobre um mundo sem medo para as mulheres e dizendo da situação de deslegitimação da fala;

A partir disso, as análises constituíram-se por alguns balizadores: *“quais aspectos demonstram a poesia costurada em seu contexto?”*; *“o território poético como território de liberdade?”*; *“a poesia que inaugura possibilidades e demonstra pensamento crítico”*.

1. Juventudes e territórios

Existem juventudes, no plural porque desta forma considera-se os marcadores sociais da diferença (BATISTA; PEREZ, 2016, p. 26) - como classe social, raça, gênero, região de moradia e orientação sexual - em um país tão desigual como o Brasil, que proporciona diferentes oportunidades para os cidadãos e cidadãs. A *Interseccionalidade* é uma ferramenta que permite perceber a confluência de tais marcadores (AKOTIRENE, 2018), sendo importante para explicitar aqui os diferentes modos de exercer a cidadania e as ações políticas das juventudes em seus territórios. Com a ideia de arte como ponto de ancoragem, visamos enfatizar a vida que pulsa por meio das produções artísticas e políticas e não apenas enfatizar as violências e a falta de infraestrutura devido ao descaso do Estado nas regiões periféricas.

Sobre articulações políticas e de cidadania das juventudes, temos como exemplo, os estudantes secundaristas da classe média na cidade de São Paulo/SP, que se valeram da estratégia de ocupar as escolas públicas como resistência à ação unilateral do Estado, a qual se pretendia realizar uma reestruturação da rede de ensino, de modo a resultar no fechamento de 94 escolas no ano de 2015. Os estudantes paulistas conseguiram barrar tal medida nas instituições escolares utilizando de arte, cultura e política, o que foi chamado até de “Primavera Secundarista” (TAVOLARI et al., 2018, p. 291-294). Sabendo disso, o coletivo de arte e educação Grupo Contrafilé, além de apoiar as ocupações, contou a história do movimento no livro *“A Batalha do Vivo: Secundaristas de luta e Amigos”* criado para ocasião da exposição denominada *Playgrounds 2016* realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Neste livro, algo que salta a atenção dos leitores é o artefato “Árvore-Escola”, que como diz o nome, se tratava de uma árvore localizada no pátio de uma das escolas ocupadas, onde os estudantes se sentavam em volta para discussões críticas, poemas, danças, músicas e os demais signos artísticos-culturais, se transformando em um espaço comum e acolhedor a fim de proporcionar experiências significativas no questionamento das narrativas normativas e hegemônicas. Assim, as juventudes assumiram seus protagonismos ao

narrarem suas experiências por meio dessas manifestações culturais, incluindo aspectos sócio políticos de sua época e o seu direito à cidadania (CONTRAFILÉ, 2016, p. 12-30). A despeito disso, as ocupações se utilizaram da arte ampliada como artefato político capaz de produzir nas juventudes a astúcia da crítica e questionamento às formas violentas com as quais as estruturas sociais e de poder atuam na sociedade contemporânea brasileira.

“Mas por que ocupar uma escola? De que vazio se está falando ao se ocupar uma escola? De que vazio se está falando ao se ocupar um espaço de saber? Ocupam-se escolas vazias de espaço de diálogo e de debate. Ocupam-se escolas quando este espaço lhe subtrai o direito de ser considerado sujeito e lhe impõem a condição de objeto de direito. Ocupar uma escola pacificamente a fim de se fazer ouvir, em última análise, é procurar criar uma “ponte” para que uma democracia simplesmente representativa caminhe rumo a uma democracia efetivamente participativa” (LOSEKANN, 2019, p. 251).

A questão para a reflexão é: podem assim todas as juventudes confrontar politicamente as estruturas sociais? Há uma juventude que sofre com o risco de vida em seu cotidiano, como demonstra o *Atlas da violência*, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2020, p. 20): 53,3% das pessoas assassinadas no Brasil são jovens, de territórios periféricos, sendo que entre as taxas de homicídios, a de negros é 2,5 vezes superior à de não negros. Além disso, as taxas de violência contra a mulher seguem também a mesma configuração social e racial (IPEA, 2020, p. 20).

A despeito dessa triste realidade, é importante compreender os riscos e as barreiras sociais que há ante ao exercício crítico e político para a juventude pobre, negra e que vive nos bolsões de pobreza sob a ameaça policial. Ainda cabe ressaltar o marcador de gênero, pois as experiências de violência direcionadas à população feminina, em geral, são encobertas pela família e pelos muros das casas. Muitas dessas meninas são responsáveis pelas tarefas de cuidado das casas e dos seus irmãos mais novos, algumas sofrem violência sexual ou agressões físicas dentro do domicílio, cujo algoz é um dos componentes da família. Como pontua Djamila Ribeiro (2018, p. 83), muitas feministas negras discutem pontos primordiais para a sobrevivência das mulheres, sendo, a quebra desse silêncio um deles, pois, esse silenciamento mantém velado que 68% das mulheres assassinadas no Brasil são negras (IPEA, 2020, p. 34).

Em decorrência destes dados estatísticos poderíamos nos perguntar, quais artefatos artísticos estariam sendo criados pela juventude em risco de vida nos contextos urbanos e

periféricos? Se os estudantes da Primavera Secundarista ocuparam as escolas, as juventudes periféricas produziram o livro *“Poesias Diversas - 2019”* que também têm esta capacidade de apropriação da arte ampliada, principalmente as poetisas mulheres selecionadas para este artigo.

Olhar para essas jovens no ensino médio, é compreendê-las também, como estudantes de escolas públicas que enfrentam dilemas como por exemplo, a necessidade de inserir-se em alguma atividade de trabalho remunerado formal ou informal, muitas vezes, em detrimento do estudo. Então, para as secundaristas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, enfrentar a pouca infraestrutura da escola pública, do bairro e da mobilidade urbana, assim como, o risco da evasão escolar, ter que trabalhar e estudar e, em muitos casos ser surpreendida por uma gravidez precoce, são barreiras que impedem a ampliação do seu repertório cultural, de uma formação de seu interesse e assim, o alcance de uma atividade digna e bem remunerada no mercado de trabalho, por exemplo.

O *“Leopoldo”*, como é apelidada a escola onde surge o livro, que será objeto de análise deste artigo, está inserido em um território populoso e de acentuado contraste social. De modo que, notoriamente, a parte próxima à região central aparenta uma boa infraestrutura. Porém ao se adentrar em direção à Avenida Marginal Rio da Avó, encontra-se a maior porção do bairro em dimensão precária e à margem da cidade. Então, devido à proximidade com a região central, estudantes de outros bairros periféricos, se matriculam nas escolas deste território, acirrando tensões sobre o transitar de jovens de outros locais em um espaço urbano contraditório e assim, instigando preconceitos sociais. Ou seja, como se a presença desses jovens ameaçasse a segurança do bairro, sendo então, mais uma vivência de constrangimento e humilhação social (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 52) no simples ato de acessar seus direitos à educação e à cidade.

Ainda que em condições inadequadas, essas juventudes produzem ações artístico-culturais atreladas aos aspectos sociopolíticos de suas vidas nas escolas públicas do ensino médio. Entre elas, está a criação do livro *“Poesias Diversas / 2019”* na Escola Estadual Leopoldo José de Sant’ana na cidade de São Vicente/SP. O livro é organizado de modo que já em sua introdução é possível identificar que ele surge por intermédio das professoras Maria Luiza e Maria Aparecida, que ao tomarem conhecimento dos poemas que eram produzidos espontaneamente por esses jovens, notaram a potente presença de ideias, sentimentos e críticas sociais dos secundaristas que, por vezes, não aparecem nas falas

ordinárias deles. Nesse sentido, é possível considerar a poesia como artefato para romper com o silenciamento das violências cotidianas.

2. A Escrita que articula Arte e Experiência: As Escrevivências.

Schittino (2012, p. 40) traz as críticas à arte como entretenimento a partir de Hannah Arendt em seu estudo sobre a escrita da experiência. A autora alerta para os riscos de viver a vida sem significado e assim, reforçar uma passividade vinculada à submissão, situando a pessoa como apenas espectadora da própria vida e da dos outros, principalmente as consideradas celebridades pela sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997). Dessa forma, a arte como entretenimento coloca a experiência social como vivência apenas de modo particularizado e “*sem levar a vida muito a sério*”, ao invés de pautar como as vidas são afetadas pela ordem social e desperte o sujeito para se posicionar em busca de reconhecimento e legitimidade como cidadãos e cidadãs, podendo intervir no campo social.

Para pensar a arte que pauta a experiência social de jovens, os autores Diógenes e Barbosa (2020, p. 4) compreendem as juventudes como produtoras culturais a partir de: 1) as relações sociais em seu contexto e trajetória e 2) os seus pontos de vista sobre a vida. Estes autores afirmam que as juventudes desenvolvem estratégias politicamente criativas atreladas à experiência e as manifestam por meio de produções artísticas, agindo assim, em prol de uma perspectiva histórica e um patrimônio cultural para si e para seu território.

Adorno (1974), em seu texto, “Notas da Literatura I” indaga sobre o comprometimento da arte em pôr à prova o teor social e assim, capturar por meio de artefatos, o que da ordem social ainda se obedece e em que a arte já a supera (ADORNO, 2003, p. 66). Cabe assim refletir sobre as seguintes questões: E o que da ordem social a escrita que articula a arte e a experiência já supera? Qual seria a potência transformadora da realidade de um texto poético e uma obra literária?

É relevante contextualizar sócio-historicamente essa ideia, incluir os cenários neoliberais atuais, e perceber seus efeitos em ações que esvaziam as artes e põe em declínio a própria experiência em favor de produzir e consumir. Dentre as atenções e tensões existenciais nas margens sociais, como aprender e apreender daquilo que se vive, mas que é posto de lado como sem significado e sem importância? (GAGNEBIN, 2006, p. 54).

Portanto, os autores defendem que as atividades com palavras não são mero falatório, pois são nos momentos dos quais a fala e escrita são possíveis, é que há a potência para

conseguirmos dar sentido: ao que somos, ao que nos acontece, como correlacionamos o que vemos, e assim, sentimos e nomeamos. E por essa razão, as disputas pelas palavras, a imposição de certos significados, silenciamentos ou desusos, são tão importantes e precisamos redobrar a atenção a elas.

O termo *escrevivência* criado por Conceição Evaristo dá conta da valorização política das palavras em meio a tantas narrativas. As *escrevivências* caracterizam-se pelo protagonismo da voz feminina negra em narrar a experiência cotidiana da própria vida atrelada aos persistentes impactos da condição diaspórica africana no Brasil e seus desdobramentos estruturais (CRUZ, 2012, p. 2). Ao escrever e ficcionar, tendo por base as memórias ancestrais somadas às presentes vivências de resistência, originam-se interpretações críticas do “real” via ficção. A ideia é se apropriar da fala e do espaço social negado, a fim de escancarar as violações direcionadas, sistematicamente, às mulheres negras, e indagar sobre o lugar delas na sociedade. Assim, diz Conceição, que não se escreve para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos. Compreende-se que a ficcionalidade que a *escrevivência* oferta, faz-se valer no eu-lírico do poema, a esperança do poeta: falar é fazer.

E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? (...) Afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (Evaristo, 2011, p. 15).

Paralelo a ideia deste trecho, Schittino (2012, p. 39) conta a história de Lessing, que refugia-se do mal-estar do mundo no pensamento de outrem e fortalece-se. De modo que, encontrar refúgio na vivência do outro, significa que a poesia pode propiciar a construção de um espaço comum, seja físico ou simbólico, mas que seja para as pessoas se apresentarem umas às outras com suas ideias, ações, diferenças ou não. Tão importante quanto explicitar as ações que cooperam para construção das estruturas desiguais, é confrontar as ideias e os discursos que perpetuam as situações de violência e opressão na sociedade.

Para isso, podemos dizer que as *escrevivências* têm o sentido de amplificar os dizeres que estão na voz daqueles que são postos às margens sociais a fim de romper os silêncios, os imaginários, os preconceitos que legitimam e naturalizam a estrutura desigual da

sociedade. É possível afirmar que há poesias com fragmentos de *escrevivência* quando o intuito produz pertencimento, ao invés de “autorização *para falar*”.

3. A Arte Ampliada como Ponto de Ancoragem.

Pensar a poesia a partir da arte ampliada é entendê-la como artefato cultural e político, da qual oportuniza que as juventudes possam encontrar-se um na poética de outrem, testemunhar e compartilhar da *escrevivência*. Esse encontro tem o potencial de despertar o reconhecimento de violações comuns entre as juventudes, e a partir disso, promover o fortalecimento coletivo de modo a provocar enfrentamento dessas situações, e então, criar ações que reverberam na sociedade. Importa ainda, ofertar outra perspectiva, essas criações poéticas podem defrontar discursos que desvalidam as pessoas, as vivências e as falas oriundas desses contextos.

Broide (2006, p. 169) aponta que as pesquisas sobre juventudes em situação de vulnerabilidade, em geral, apontam para aquilo que falta no território e nas pessoas. No entanto, o autor propõe mudar a percepção e os modos de intervir a partir do questionamento: "Como as pessoas em situações sociais críticas que passam por dificuldades e constrangimentos se mantêm vivas?". Provavelmente, elas constroem laços com pessoas e objetos diversos que atuam como pontos de ancoragem em suas vidas.

Os pontos de ancoragem são fios invisíveis que ancoram e mantêm as pessoas enredadas na vida, o que nem sempre se apresenta de forma consciente à pessoa. Como exemplo, os autores citam as pessoas em situação de rua que têm a companhia de seus cachorros como ponto de ancoragem, em detrimento do fato de que, muitas vezes, são os seus familiares quem as violentam em sua integridade subjetiva e física. A partir desse ponto, será possível refletir sobre a arte enquanto ponto de ancoragem (IMBRIZI et. al, 2019, p. 168) na vida das jovens em situações de risco de vida devido a violação de seus direitos?

A percepção disso é a de que as manifestações culturais podem funcionar como acesso à potência política da arte e seus impactos na subjetividade podem produzir novos modos de existir e ocupar o território. Portanto, entre as juventudes, é possível dizer que as manifestações culturais e artísticas são capazes de manter o laço com a criação e a vida. Assim, a arte pode ser um ponto de ancoragem que mantém as juventudes vivas.

4. A Análise das Poesias das Jovens Secundaristas.

O livro tem início com os depoimentos estudantis sobre a experiência de publicar suas poesias. Na maioria dos relatos, é recorrente a narrativa de ter encontrado na escrita poética, um espaço de acolhida para expressar aquilo que elas consideram importante deixar como mensagem a outrem. O trecho abaixo demonstra isso: *“E saber que outras pessoas vão ler minhas palavras e se encaixarem em meu lugar, me provoca uma sensação difícil de nomear, mas é bom com certeza. P.H. (DIVERSAS, 2019, p.4)”*.

O depoimento relata empatia, mas principalmente, a sensação de participação social em relevância e a oportunidade de convocar alguém para compartilhar o ponto de vista de sua experiência.

As poesias *“Guerreira”* da poetisa Bianca Alves de Almeida, *“Não é vitimização”* da poetisa Kaylane Ribeiro e *“Nunca mais aceitar”* da poetisa Hesther Santos, apresentam como temática central a condição da mulher jovem negra na sociedade.

Nas quatro linhas iniciais de *“Guerreira”* constam:

“Acorda guerreira, se liga guerreira
A vida já começou há tempos
A escravidão foi banida,
mas tu continuas encarcerada”
Guerreira (1-4)
Bianca Alves de Almeida (DIVERSAS, 2019, p. 13)

Se a mulher é guerreira, em que guerra ela luta? E luta pelo o quê? *“Guerreira”* é um dos adjetivos mais utilizados para eufemizar a situação de violência de gênero, em relação a sobrecarga da qual a mulher arca na busca de sobreviver e criar suas trajetórias que, quando não negadas, são inexistentes. Neste poema, a poetisa Bianca exerce a escrevivência a partir do eu-lírico *Maria* e ficciona situações culturalmente recorrentes e comumente romantizadas, mas que velam gravíssimas violências na condição social de ser mulher. Como aparece também em seu poema: ser julgada em seu território por chegar de madrugada, mesmo que seja do trabalho e receber valor como pessoa apenas ao negar a si em prol de outros num exercício de maternidade quase que compulsória para assegurar-lhe alguma proteção.

Dentre as inquietações que o poema produz ao denunciar a condição de mulher na sociedade, o verso *“A escravidão foi banida, mas tu/continuas encarcerada”* (3-4) (DIVERSAS, 2019, p. 12) nos provoca a perscrutar o porquê a escravidão segue no referencial de

compreensão do modo de vida da mulher negra. Esse eufemismo é expressão do discurso que opera práticas de invisibilização, romantização e alienação da experiência da violência racial e de gênero e a violação de direitos para essa população, realizando assim, a manutenção da estrutura racista e sexista de opressão, exploração e silenciamento.

De acordo com as autoras, Gomes e Oliveira (2019, p. 120), perceber-se como mulher é se dar conta de um estado de alienação ou de desapropriação subjetiva, o qual se expressa num corpo passível de pertencer ao outro (de ser violado) e numa força sempre sujeita a se converter em fraqueza, apenas nos embates contra as estruturas de opressão, mas que no seu cotidiano, para vivenciar as violações, passa a ideia de ser forte como uma guerreira. Ou seja, guerreira e forte para suportar estar submetida às opressões, mas fraca para se pôr em embate às estruturas sociais. É então, que nos trechos de “*Não é Vitimização*” surge:

“Não é que eu quero me vitimizar
é que eu tenho medo de sair na rua
e nunca mais voltar

Não é que eu quero me vitimizar
é que eu tenho que pedir
para alguém me acompanhar
para não ser abusada

Não é que eu quero me vitimizar
é que eu tenho medo
disso tudo nunca acabar.”
Não é vitimização (5-7 /8-11/ 16-18)
Kaylane Ribeiro (DIVERSAS, 2019, p. 68)

O poema “*Não é vitimização*” da poetisa Kaylane Ribeiro é intitulado com o verso que se repete iniciando todas as cinco estrofes do poema, e em seguida desse mote, a poetisa relata situações de estupro, assédio e feminicídio e evoca a perturbação que é o medo desta situação se perpetuar. É pela própria vida que a mulher “*guerreira*” luta, então? E como se fortalecer nessa luta? A necessidade de repetir que não se trata de vitimização, enfatiza o quão desgastante é para a mulher pautar suas vivências diante da deslegitimação de seu discurso, e então, de sua existência. Nos remete pensar sobre o discurso que encobre essas violências presentes que são vistas, mas culturalmente banalizadas, que deslegitima e culpabiliza a si própria, inviabilizando a reclamação dessas vivências, incutindo silenciamento na fala sobre a experiência de ser mulher. O poema passa a sensação de que

ela “*precisa pedir licença para falar*”, ao ter que repetir que “*não é vitimização*”, já se defendendo antes do ataque discursivo que a revitimiza perante as violências vividas, o que demonstra um *não-lugar* para a fala da mulher, sendo então, o poema um espaço para esta fala.

É partindo disso que torna-se relevante compreender que as manifestações culturais juvenis denunciam nas poesias, o fato comprovado no *Atlas da Violência* (2020) demonstrando que a violência e a desigualdade social brasileira tem alvo com cor, raça e gênero. Em trechos de “*Nunca mais Aceitar*”:

“Mulher, eu te apoio
Seja lá no que for
O poder é todo seu
Imponha sua opinião
Se você não fala hoje
Falará quando então?
Não se deixe humilhar
“Estranha”, “feia” ou “gorda”
Nós não iremos mais aceitar”
Nunca mais aceitar (3-8 / 22-24)
Hesther Santos (DIVERSAS, 2019, p. 47)

Cabe ressaltar ainda, que as juventudes oferecem indicações de suas ancoragens e resistências também nos poemas, ou seja, aquilo que com a arte, a poética pode acessar e romper, para então, pleitear os direitos que defendem a existência das mulheres. Por meio disso, proporcionar um território de expressividade seguro, sendo um canal de acesso ao cuidado para com essas pessoas em situações sociais críticas. Se a poética abre espaço para fluir a subjetividade, ela faz produzir na pessoa conscientização de si e compreensão de seu contexto. Isto é, há a aproximação com a arte ampliada que pauta o confronto com as estruturas sociais - esses poemas demonstram um processo de desvelamento das violações e sensibilização diante da dimensão sociopolítica do sofrimento.

De modo que, no poema “*Guerreira*” demonstra-se como são as situações de exploração da mulher. A leitura dele pode promover um incômodo no leitor sobre a amenização de situações injustas, como quando o poema diz que Maria chegou de madrugada do trabalho, mas os vizinhos saíram falando que ela havia chegado “*de namorar*”. No entanto, na estrofe acima, nenhum dos vizinhos a vê como mãe solo de três filhos, nem como uma mulher que acorda e corre para não perder o ônibus em seu ponto, mas para amenizar seus julgamentos então, mais uma vez, o olhar social a denomina “*guerreira*”.

O eu-lírico feminino denominado "Maria" surge no poema "*Guerreira*", mas é também reconhecido nos poemas "*Não é vitimização*" e "*Nunca mais aceitar*", permitindo que a escrevivência se realize, de modo que, a análise dos poemas aconteça por meio da criação ficcional que se baseia na realidade. Assim, a escrevivência conduz a imaginação em como se daria o percurso da conscientização das violências sofridas pelas mulheres desde a desromantização (Poema "*Guerreira*"), passando pelo pleitear da legitimidade de sua fala (Poema "*Não é vitimização*"), até o seu empoderamento numa luta coletiva (Poema "*Nunca mais aceitar*").

É possível vislumbrar que a arte ampliada da juventude pleiteia às Marias que falem por si e questionem o que é posto para ser mulher em seu território. Portanto, o eu-lírico permite contar de uma personagem da realidade daquele território, ou seja, o quanto da pessoa em si há expresso pelo eu-lírico, de modo que, o sujeito é expresso no poema como aquele que age na escrevivência como gostaria de agir na realidade. Ainda que a mulher seja contida pelas violências, há a possibilidade de ficcionar, de modo que a poeta exerça através de seu eu-lírico o ato de incorporar a mulher que tem respeitada a legitimidade de contar de si.

O poema na sua capacidade de expressão, reflexão e criação permite ampliar o repertório cultural das juventudes, a fim de proporcionar que as mulheres jovens possam criar estratégias para lidar com violências cotidianas veladas. A despeito disso, a arte ampliada na escrita poética pode dar a ancoragem para um pensamento crítico que rompa com tal limitação e produza resistência em âmbitos individuais e coletivos.

É no espaço aberto entre a invenção e o fato que a escrevivência instiga a astúcia da imaginação política e a consideração de outros destinos sociais, por meio da escrita estratégica de contestação da condição fragilizada de mulher negra, ela carrega essa dimensão ética ao propiciar que as poetisas assumam o lugar de enunciação de um eu coletivo, ou seja, alguém que evoca por meio de suas próprias vivências e referências de vida, a história de um eu coletivo e compartilhado (SOARES & MACHADO, 2017, p. 210).

Aproximar-se para ler as elaborações poéticas das juventudes tem a relevância de conhecer tendências culturais juvenis contemporâneas que visam a sensibilização social e o enfrentamento da exclusão em um país configurado por desigualdades sociais e raciais.

Considerações Finais

Portanto, a manifestação artística das poetisas supera a noção de que territórios marcados pela violência apresentam só precariedade e falta de condições de vida, neste artigo ressaltamos os saberes das juventudes secundaristas e sua produção de conhecimento, abrindo possibilidade de valorização da história singular de cada uma atrelada às suas experiências no território. A escrevivência como estratégia politicamente criativa, permite que as sujeitas sociais, a partir de suas histórias coletivizadas, pautem reconfigurações sociais, de modo a deixar fluir a subjetividade que outrora não teve espaço social, para então, compor nas construções políticas, sociais e quicá, públicas.

O artifício da arte proporciona abstrair e se apropriar da violência que se mostra ato. Se eu puder pensar em arte, expressar em arte, criar um outro real que a priori não parece possível, mas ao encontrar meus pares, logo, se torna. Então, dessa forma, é mais acessível topar viver, permitir viver, querer viver. As juventudes guardam o ímpeto do querer fazer e isso é um recurso imensuravelmente valioso seja coletivamente, socialmente e pessoalmente. Primeiro a arte encontra, acolhe e une, e daí, a arte instrumentaliza e gesta. Ou seja, e se eu concentrar todo meu ódio e indignação num rap, num poema ao invés de numa identificação de derrota ou desvalor, será que a vida muda? E se meu poema despertar um outro vivente da mesma situação que eu, será que fortalece? E se eu quiser fugir para uma outra realidade, escrever um poema e ao final, me encontrar e encontrar mais viventes e nos comprometermos em tornar realidade? Toda essa pesquisa é para mostrar que sim e muito mais do que nos surpreende os poemas.

Partindo dessas compreensões, é possível afirmar que o contato com a elaboração das poesias coloca a percepção de como a arte ampliada pode se transformar em ponto de ancoragem para a manutenção da vida de jovens, pois, um artefato político é aquele que enfatiza o comprometimento da arte em atuar criticamente em prol de transformações sociais. Seja, ou despertando o sujeito social para sua configuração no coletivo, ou removendo-o do lugar de espectador da própria vida alienado de seu campo comunitário. A ação da arte não se restringe à superação momentânea de determinada dificuldade, mas um caminho a ser trilhado pela via da construção de uma consciência crítica do indivíduo apontado para o coletivo.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.. *Notas da Literatura I* (1974). 34.ed. São Paulo: Duas Cidades, Tradução e adaptação de Jorge M. B. de Almeida. Domínio Público. 176 p. 2003.
- AMARAL, Mônica do. *O rap, o hip-hop e o funk: a "erótica" da arte juvenil invade a cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras*. Psicol. USP, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 593-620, Set. 2011.
- AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BATISTA, Marcia Camila Araújo; PEREZ, Olívia Cristina. *Participação Política e Marcadores Sociais da Diferença: Reflexões sobre tema no campo da Ciência Política*. Conexão Política, Teresina, v. 5, n. 1, p. 23-34, jun. 2016
- BAROSSO, Luana. *(Po)éticas da escrivência*. Estudos da literatura brasileira contemporânea, n. 51, p. 22-40. 2017.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
- BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Poemas malungos – Cânticos irmãos* / Maria da Conceição Evaristo de Brito. – 2011. 172 f. Orientadora: Laura Padilha. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.
- BROIDE, Jorge. *A psicanálise nas situações sociais críticas: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude das periferias*. Tese de Doutorado em Psicologia apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CONTRAFILÉ, Coletivo. *A Batalha do Vivo*. São Paulo: Playgrounds 2016, 2016. 196 p. Disponível em: https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a_batalha_do_vivo. Acesso em: 12 abr. 2020.
- CRUZ, Adécio de Sousa. *Conceição Evaristo: insubmissas lágrimas de mulheres*. Estudo. Lit. Bras. Contemp., Brasília, n. 39, p. 255-258, Jun 2012.
- DEBORD, GUY (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DIÓGENES, Glória; PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Rasuras, ruídos e tensões no espaço público no Brasil: por onde anda a arte de rua brasileira?*. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 13, n. 3, p. 759-779, set. 2020.
- DUARTE, Mel (Org.) *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, p. 9-11, 2019.
- _____, *Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural*. São Paulo: Tv Brasil, Colorido. 52'min. (Youtube). 2017.
- EVARISTO, Conceição. *"Escrivências da afro-brasilidade: história e memória"*. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, 2008.
- FERREIRA, Amanda Crispim. *A memória em Poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo*. Disponível em <http://www.letas.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr02AmandaCrispim.pdf>. Acesso: 15 de maio de 2018.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. pp. 41-57. 34. ed. São Paulo: Editora H34, 224 p., 2006.

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Humilhação social - um problema político em psicologia*. Psicol. USP . vol.9, n.2, pp.11-67, 1998.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988b.

_____, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência*. Brasil: Ipea, 96 p., pp. 20-35. 2020.

IMBRIZI, Jaqueline Maria et al . *Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista*. Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro , v. 31, n. spe, p. 166-172, dez. 2019.

"JUVENTUDE e Arte em Tempos de Pandemia". Produção de Eixo Trabalho em Saúde. Realização de Instituto Saúde e Sociedade - Unifesp. Baixada Santista, 2020. Disponível em: <https://tsmonitores.wixsite.com/meusite/pracas-virtuais-5/PRA%C3%87AS-VIRTUAIS>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MALCHER, Monique; RIAL, Carmen Silvia. "*Quem tem medo do feminismo negro? A urgência do debate racial no Brasil*". Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 3, 148 p., 2019.

OLIVEIRA, Andréa Senra Coutinho e Bruna Tostes de. *Direito à arte é direito de conhecer arte, produzindo arte*. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa, Juiz de Fora, Minas Gerais, v. 5, n. 8, p. 133-149, fev. 2015.

OLIVEIRA, Danielly Passos de; GOMES, Isabel Cristina. *Gênero, adolescência e psicanálise: o impacto das relações de gênero na saúde mental de adolescentes na*

cidade de São Paulo. Vínculo, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 110-132, dez. 2019.

_____. *Poesias Diversas 2019*: Poesias dos alunos E.E. Prof. Leopoldo José de Sant'anna. São Vicente: Independente, 2019. 128 p. disponível em: POESIAS_DIVERSAS_2019_impressao.pdf (storage.googleapis.com)

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 28-32. 2018.

ROSA, Miriam Debieux. *Psicanálise, Política e Cultura: A Clínica em face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento* / Miriam Debieux Rosa. -- São Paulo, 2015. 151 f. Tese de Livre-Docência do Departamento de Psicologia Clínica - Instituto de Psicologia apresentado à Universidade de São Paulo.

SCHITTINO, R. T. *A escrita da história e os ensaios biográficos em Hannah Arendt*. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 5, n. 9, p. 38-56, 23 jun. 2012.

SILVA, Ana Cecília Ramos Ferreira da; MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Interseccionalidade e participação política: a experiência de mulheres negras jovens feministas*. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 20, n. 48, p. 339-354, ago. 2020.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "*Escrevivências*" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

SOBROSA, Gênesis Marimar Rodrigues et al . *Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas*. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 22, n. 1, p. 223-234, abr. 2014 .

TAVOLARI, BIANCA et al. *As*

ocupações de escolas públicas em São Paulo (2015-2016): Entre a posse e o direito à manifestação. Novos estud. CEBRAP, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 291-310, Aug. 2018.

TORRES, Ana Paula Repolês. *O sentido da política e Hannah Arendt.* Trans/Form/Ação, Marília, v. 30, n. 2, p. 235-246, 2007.

MEDEIROS, Jonas, et al (orgs). *Ocupar e Resistir - Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)* / organização de Jonas Medeiros, Adriano Januário e Rúrion Melo; apresentação de Marcos Nobre - São Paulo; Editora 34; FAPESP, 2019 (1ª Edição). p.37-53; 320-321.

LOSEKANN, Cristiana. *Ocupações de escolas no Espírito Santo e interações com o sistema de justiça: a importância dos jogos de subjetivação na dinamização do protesto.* Ocupar e Resistir - Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil. - São Paulo; Editora 34; FAPESP, 2019 (1ª Edição). p. 244-268.